

Jair de Freitas (*)

Colaborador

Para Zezinha

com carinho

Conheci Zezinha pelo nome, Maria José Aranha de Rezende, e pelo nome de seu primeiro livro, *Rosa Desfolhada*, ainda menino. Sabia também que era santista e sobrinha-neta do Vicente de Carvalho, o das paredes do Cine Indaia; o poeta do mar, que Caetano Fracarolli modelou no bronze e os homens assentaram na praia, dando-lhes as costas.

Rapaz, a vi em pessoa. Eram tempos icoloclastas aqueles, e eu não a conhecia. Homem feito (e mal), vim a conhecê-la. Foi como se fôssemos velhos amigos e cúmplices da poesia. Seu riso ter-nô é travesso sua *joie de vivre* embriagam a gente. Sua placidez, modéstia e esperança revelam. Alviárasas sempre!

Entretanto, há quase dois anos ando em dóido débito com a poetisa Maria José Aranha de Rezende, extensivo aos escritores Narciso de Andrade e Paulo Bueno Wolf. Procurei-a com a finalidade de viabilizar, pelo Centro da Memória Cultural de Santos, um projeto que, em uma de suas faces chama-se *Inventário Poético de Santos*. O primeiro fascículo deste selo, que marcaria os 70 anos da morte de Vicente de Carvalho, traz também Maria José Aranha de Rezende, Zezinha. Está pronto para a boca-de-forno.

Infelizmente, *Am End hängen wir doch ab/ Von Kreaturen, die wir machen*, Goethe diria, digo que verbas, se as há, não abundam e são regidas por critérios técnicos de um perspectivismo quase axiológico.

Zezinha, o livro e o projeto vão. A Cidade ainda te deve, e aos demais construtores/ argamassa da Cidade cidadã, essa obrigação, que é consigo própria, ou, como voce mesmo diz, uma cidade sem memória é uma cidade sem passado e uma cidade sem passado não poderá ter futuro. Esperamos, quem sabe, um outro abril, em que as "garças forasteiras" no devolvam "as manhas claras, as gardes mansas" e que uma nova primavera chegue mais cedo.

Maria José, minhas sinceras desculpas pelo atraso e todas as atribuladas aflições de todos; ao leitor de *A Tribuna*, um pouco de Zezinha por Zezinha:

O começo — "Eu nasci em Santos, num dia dois de outubro, na segunda década do século. Também tive um empecilho físico, uma paralisia infantil aos dois anos de idade, que me impossibilitou de andar e aproveitar os folguedos da infância. Mas, desde criança, gostei de ler, sobretudo poesia. Estudei no Colégio São José e obtive meu diploma de professora no Lyceu Feminino Santista. Em 1949, publiquei meu primeiro livro, *Rosa Desfolhada*, que, apesar do seu título melan-

cólico, teve uma trajetória feliz. Dez edições! Escrevi muitos livros depois, mas acho que serei sempre conhecida como a poetisa de *Rosa Desfolhada*."

"Desde pequena eu gostava de fazer versinhos, na escola sempre sobressaí nas redações onde era usada a imaginação. Já devia ser o prenúncio da inspiração poética e da minha vocação de cronista, que exerce há muito anos em *A Tribuna*. Como já disse, não tenho faculdade. Mas, o encerramento do Curso Normal, para mim, não foi o fechamento dos livros. Pelo contrário. Era como uma sede de cultura e comeci a ler muito, principalmente literatura brasileira e estrangeira, naquele tempo não era fácil para uma jovem estudar em São Paulo. Não é como hoje. Mas considero-me uma autodidata."

Reconhecimento — "Sem dúvida que sim. Creio que foi um milagre da Cidade. Foi essa santiscidade que eu sempre tive. Muita gente dizia para eu sair de Santos, buscar vãos mais altos. 'Você vai ficar uma poetisa regional', diziam. Mas não me arrependo, não. O título de poetisa de Santos me basta. Talvez eu de-

va isso mais ao carinho dos santistas do que ao próprio valor literário. Mas a verdade é que falam em poesia santista, falam em mim, não é? Saíndo da Cidade, a gente parte os laços. Os meus não. Quis ficar aqui e aqui quero morrer".

Escrevi muitos livros, mas serei sempre conhecida por 'Rosa Desfolhada'

"A Cidade tem reconhecido esse meu amor, pois conquistei muitas prêmios, como os de Cidadã Emerita, Mulher do Ano, Prêmio Mascate, Medalha dos Andradas, Medalha Martins Fontes e tantos e tantos outros. Sou grata a todos, embora a minha satisfação maior seja a certeza de que meus versos são lidos e compreendidos".

Origens — "Eu nasci no Palacete Aranha, que era a casa de meu avô, Pedro de Souza Aranha, comissário de café. Construída em 1889, foi a primeira com ares palacianos, mas já foi derrubada. Aí se casaram meus pais,

Georgina Aranha de Rezende e Leôncio Azevedo Rezende, corretor de café, e nasceram todos os meus irmãos. Trabalhei muito, como funcionária da antiga Repartição de Saneamento de Santos, de onde me aposentei, e fui a primeira bibliotecária da Faculdade de Direito de Santos, onde prestava meus serviços à noite. Esse lado prático da minha vida não conseguia sufocar o desejo que sempre tive de escrever".

Fontes de inspiração — "Sem dúvida que é o sentimento. Tudo o que me comove me inspira. Talvez eu seja a última romântica. Alguns devem achar-me superada. Não importa, mas sou incapaz de escrever sem estar inspirada. Escrevendo, sou espontânea. Quando algum tema está emperado, quando não consigo desenvolver uma idéia, eu jogo fora, desisto. E começo tudo de novo..."

Roldão Mendes Rosa — "Um grande poeta, sem dúvida. E uma grande cultura. Trabalhava em *A Tribuna*. Como poeta foi pouco lido, mas, através da força do poeta Narciso de Andrade, seu grande amigo e divulgador, o seu nome vai brilhando cada vez mais,

principalmente depois da publicação de seu livro póstumo".

Poetas preferidos — "Incluindo todos os do passado, adoro o Raul de Leoni, pouco lido, a Cecília Meirelles, Vinicius, Mário Quintana, Paulo Gonçalves, Martins Fontes e tantos outros".

Minha satisfação é saber que meus versos são lidos e compreendidos

Santos — "Muitas coisas foram destruídas, e isso dá pena. Incluem o Palacete Aranha — imortalizado numa bela tela de Gentil Garcez, que a Açucareira Santista derrubou. O dinheiro passou das mãos mais sensíveis para as mais comerciais. Ainda bem que foi conservado o Casarão Branco e transformado em pinacoteca. Mas Santos não tem memória e é preciso restaurá-la. É impressionante o que se tem destruído aqui. Falto das grandes chácaras, como a de Júlio Conceição, no Boqueirão, do Parque Balneário. E o futuro sem passado não é nada. O



Zezinha: gosto pela poesia desde a infância e dez edições de *Rosa Desfolhada*

passado é a viga mestra dos dias que virão. Não sou uma escrava do passado, mas uma entusiasta".

Convívio literário — "Sempre recorro a figura de Cassiano Nunez, grande cultura que, infelizmente, não está mais em Santos. De Juarez Bahia, que também saiu daqui. E outros que já atingiram outra dimensão: Isa Silveira Leal, Miroel Silveira, Geraldo Ferraz, Pagu, Mariano Gomes, Francisco de Marchi, as poetisas Emília Freitas Guimarães e Itacy de Souza Teles, mãe do Newton, de quem ele herdou a inteligência. E muitos, muitos outros. De São Paulo, a amizade e o apoio de Cleomenes Campos, de Guilherme de Almeida etc. Sempre tive bons amigos, além dos da família. Destaco os atualmente mais chegados ao meu coração: o escritor Paulo Bueno Wolf, Enzo Poggiani, que traduziu para o italiano o meu livro, e o poeta monsenhor Primo Vieira".

Filosofia de vida — "Eu sou uma pessoa pacífica, não sou propensa a polêmica em todos os setores. Embora seja firme nas minhas opiniões pessoais, aceito a opinião dos outros, respeitando os mais variados pontos de vista, desde que sejam sinceros. Não gosto de competições. Não costumo tomar parte em concursos de poesia ou de crônica. Não acredito muito neles. Lembro-me que uma vez Charles Chaplin estava incógnito na França e viu lá um cartaz: Concurso para quem melhor imitar Chaplin. Resolveu tomar parte. Se inscreveu e tirou o 5º lugar! Isso não é engraçado? Para sintetizar a resposta à sua pergunta, digo sempre que prefiro ficar entre o invejados, nunca entre os invejosos. A inveja é um sentimento inferior, não acha?"

Mágoa — "De forma nenhuma. As mais belas roseiras são aquelas que dão mais rosas, não as que têm menos espinhos. Prefiro sempre colher as rosas no meu caminho e esquecer os espinhos, se houver".

Zezinha — "Nesta altura da vida, talvez não me arrependa de nada. Com a chegada da idade, agradeço a minha lucidez, o meu amor à vida, e vivo como se nunca tivesse que morrer. Eu tive uma existência bem vivida e louvo a Deus por isso. Entre as grandes paixões, destaco essa inesgotável vontade de viver. É só".

Não, Zezinha, não é só. Parafraseando teu querido Mário Quintana, eles passarão, tu passarinho.

Eu cantarei de amor tão fortemente Com tal ceulema e com tamanhos brados Que afinal teus ouvidos, dominados, Há, de à força escutar quanto eu sustente.

Vicente de Carvalho 72 anos, sete meses e sete dias de sua morte.

(*) Jair de Freitas é poeta, compositor e book-maker.